



GRIÔS DO SENEGAL: MEMÓRIA, LINGUAGEM E PODER NO OFÍCIO DOS MESTRES DA PALAVRA (1960-1980)

Angélica Ferrarez de Almeida

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

angelferrarez@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste projeto é explorar a relação entre História e Literatura tendo como ponto de partida o trabalho dos contadores de história, conhecidos na África Ocidental francófona, mas especificamente no Senegal, como griôs. Através da dimensão da palavra e do arquivo enquanto instrumentos de poder, vamos refletir a função destes mestres da palavra, circunscrito a um espaço semântico que tem na oralidade sua base e sua maneira de estar no mundo. Pensando na produção deste espaço como uma forma de literatura expandida, a grafia da memória oral engendrando novas possibilidades de identidades nas fronteiras, visto que estamos tratando do Senegal entre 1960 e 1980, pós Independência, período de tramas e tessituras do estado nação senegalês.

Palavras-chave: Memória; linguagem; poder; griôs; Senegal.

Abstract:

The objective of this project is to explore the relationship between history and literature taking as its starting point the work of history counters, known in francophone West Africa, but specifically in Senegal, as griots. Through the size of the word and the file as instruments of power, we will reflect the function of these word masters, limited to a semantic space that has its base in orality and their way of being in the world. Thinking about the production of this space as a form of expanded literature, spelling the oral memory engendering new possibilities identities at borders, since we are dealing with Senegal between 1960 and 1980, post Independence, period plots and tessitura state Senegalese nation.

Keywords: Memory; language; Power; griots; Senegal.

Este projeto de pesquisa visa analisar o ofício dos mestres tradicionalistas conhecidos como *griôs* na África Ocidental, circunscrito no espaço do Senegal a partir do período chamado pós-colonial, mas precisamente entre 1960 a 1980, as vésperas da independência do país, momento que encerra diversas contradições e conflitos na constituição do Estado-nação senegalês com base nas fronteiras herdadas da colonização francesa.

A casta dos *griôs* é uma reminiscência da África ancestral Ocidental, anterior às formas de comunicação moderna. É uma casta de contadores de história que calcados na oralidade e na memória coletiva e genealógica de seu grupo, bem como de seu papel social, são os cronistas sociais e políticos de seu povo, enquanto transmissores de saberes, mantenedores de segredos específicos e arregimentadores de uma espécie de *literatura expandida*¹.

Tomado de empréstimo da obra de Ana Pato “*Literatura Expandida*” na qual fala dos tipos de citações e das apropriações que se faz no mundo das Artes, o conceito de *literatura expandida* será pensado aqui como o lugar da oralidade, defendendo que a partir do trabalho do *griô* é formado um discurso inscrito na memória social de seu povo. Este discurso transforma o *griô* num produtor semântico e dá base para uma literatura oral que foi basilar no período que está sendo pensado o Senegal.

Adentrando o Senegal

Historicamente o Senegal é de fragmentação tanto territorialmente, quanto na estrutura de pensamento, como aponta Alain Kaly (2006), pois havia os cidadãos das quatro comunas: a capital Dakar, Rufisque, Gorée e Saint Louis, estes gozavam de privilégios devido a cidadania francesa e havia o resto da população vivendo sobre o regime do protetorado. Além do mais nas tentativas de constituição do estado nação senegalês havia a grande população influenciada pelo Islamismo e havia uma elite intelectual que despontava nas comunas.

¹ O conceito de literatura expandida foi tomado de empréstimo da obra de Ana Pato que em suas pesquisas aponta para o arquivo da artista Dominique Gonzalez-Foerster como um dispositivo de produção de literatura, a *literatura expandida* se pensarmos nas novas acepções de Arquivo bem como de Literatura, que serão abordadas mais adiante tendo como ponto basilar o trabalho do *griô*.

Deste modo é que num recorte mais profundo vamos pensar na constituição identitária do Senegal no período de Léopold Senghor e seu sucessor Abdou Diouf². Tempo de crise no Senegal também conhecido como momento do *sobressalto nacional*³, segundo Boubacar Barry (2000), quando há a passagem do poder do nacionalista francófono Senghor à construção de uma nova ideologia nacional rompendo com a lógica colonial, que foi exacerbada no projeto político de seu sucessor, Abdou Diouf.

Pensando nas convergências e divergências sobre a função do *griô* na era Senghoriana, vemos que este é um rico campo de análise ainda por pesquisar. Atentar para o período de transição é o que nos interessa primordialmente, de Senghor à Abdou Diouf, refletindo também sobre os nacionalismos da Negritude e a vontade de construção de um estado-nação sem estar conjugado a francofonia, abrindo ainda mais o leque de investigação sobre a função dos mestres da palavra ao apreciar seu ofício nas esferas das artes, da política, da linguagem, da memória, conjugando-as a constituição de uma identidade senegalesa no chamado pós colonial e na formação de novas bases epistêmicas de pensamento.

Com a morte de Senghor houve o reavivamento de outro tipo de nacionalismo com seus novos desafios, principalmente o de conjugar a tradição dos antigos *griôs* servindo a um novo contexto político ideológico, o de fazer emergir um novo Senegal, rompendo total com a francofonia e o estado colonial, buscando e criando suas bases de valores internamente e contando, sobretudo, com as tradições regionais, aldeãs e locais a fim de exprimir reivindicações num contexto nacional em crise. (Barry, 2000)

Que rompimento é este que se legitima com a morte de Senghor? Quais as reminiscências da era senghoriana que permaneceram durante o governo de seu sucessor? O que foi este novo nacionalismo e quais foram suas reivindicações? Como as tradições orais foram manipuladas a serviço do poder institucional? Como a estrutura interna do discurso dos *griôs*, com sua cadência, ritmo, exaltações e silenciamentos podem ser consideradas fontes históricas que vão iluminar a história

² Léopold Sédar Senghor, grande expoente da literatura africana, governou o Senegal no período pós independência, 1960 a 1980 e foi um dos principais entusiastas e idealizadores das ações de independência no país, principalmente do movimento da *Negritude*

³ BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da história regional*. Rio de Janeiro: SEPHIS, 2000, p. 32.

do Senegal? Em que momento a oralidade a partir dos contadores de história delinea parte do pensamento social africano?

Estas são algumas das interrogações que nos acompanham neste trabalho. Deste modo é que este trabalho está concentrado num período de tessituras de tramas na construção identitária de um Senegal expoente, que busca em meados do século XX sua efetiva emancipação rompendo com a lógica colonizadora e produzindo o discurso da *história da descolonização* com a ajuda da tradição oral.

Na constituição deste projeto político, as tradições orais são acionadas como signo identitário e o papel dos *griôs* são assim enaltecidos. Pensar no papel e na influência destes mestres da palavra, bem como da tradição oral articulados aos domínios da política, está para uma análise mais consistente das fontes orais tangenciando as esferas da narrativa, da produção de saberes e memórias e da produção semântica que conta muito sobre a História do próprio Senegal.

A partir destas reflexões nossa atenção se volta para este lugar da *literatura expandida*, que está no limiar entre a realidade e a ficção, a palavra e a memória, o dito, o não dito e o interstício. E no encontro de duas disciplinas, Literatura e História, formando um campo epistemológico de pensamento e pesquisa pouco explorado se levamos em consideração a África francófona, mas que será fundamental na constituição de novas identidades nas fronteiras do Senegal.

Pela dimensão do poder e da palavra

Eu sou *griô*. Sou Djeli Mamadu Kuyaté, filho de Binton Kuyaté e de Djeli Kedian Kuyaté mestre na arte de falar. Há tempos imemoriais os Kuyaté estão a serviço dos príncipes Keita de Mandinga. Nós somos os sacos de palavras, somos sacos que encerram os segredos muitas vezes seculares, somos a memória dos povos, pela palavra damos vida aos feitos e gestos dos reis diante das jovens gerações. Minha palavra é pura e destituída de toda mentira, é a palavra do meu pai: é a palavra do pai do meu pai (NIANI, 1982, p.32).

Retirada da história medieval da África Ocidental, a Epopeia de Sundjata tem no mito fundador do Império de Mali um grande evento de legitimação do ofício dos *griôs*. Este trecho é de especial importância também para entendermos um dos desafios deste nosso trabalho, o poder da palavra e de seu aporte estruturador de pensamento tomado pela linguagem.

Vemos no trecho acima o *poder de colonização* da palavra⁴. A palavra é um código da linguagem que estrutura o pensamento social, encerra relações, podendo enclausurar sociedades inteiras em sistemas de pensamento ou até libertá-las (Meneses, 2010). Podemos dizer que o primeiro passo para a descolonização do pensamento a fim de investigar e abrir caminhos para novas bases de pensamento é a atenção a palavra. A palavra proferida, naturalizada que se deve atentar. Sua origem, seu lugar de fala, seus códigos e símbolos.

Interessante na passagem de Sundjata vemos os mestres das palavras se autodenominando enquanto “griots”, que nada mais é do que a palavra da percepção do “outro”, do estrangeiro sobre seu ofício. Não podemos deixar de lembrar a importância que deram os relatos dos viajantes sobre a casta dos contadores de história, mas mais do que isso pensar na organização de um grupo em torno de um termo de quem os classifica.

Nosso trabalho trava um debate interessante com a dimensão da palavra, adotamos o termo *griô* por uma guinada epistemológica, seguindo as pegadas de Boubacar Barry que usa este termo em todo seu trabalho. A ideia não é desconsiderar a pesquisa de historiadores e estudiosos ocidentais nos temas relativos à História da África, mas sim reconhecer também o argumento da autoridade que se legitima através das palavras e as relações de poder que estão imbricadas nos usos destas.

Em famoso aforisma de Amadou Hampâté Bâ, “Na África, cada ancião que morre, é uma biblioteca que se queima”,⁵ este pensador malinês nos revela a dimensão do arquivo existente na função do *griô*. Refletindo sobre a lógica arquivística em Foucault⁶, este nos fala que não podemos considerar o arquivo destituído de um conjunto de forças que induzem e organizam as técnicas do saber. Assim, o arquivo é menos o conjunto de discursos produzidos por uma determinada cultura e mais as relações de poder que regem essa cultura. Daí é interessante atentar para quem o *griô* está a serviço.

Sendo assim, nossa ideia é a de que assim como os documentos escritos foram fundamentais para a constituição da formação de identidades nas fronteiras, visto

⁴ MENESES, Maria Paula. “Outras vozes existem, outras histórias são possíveis”, in *Diálogos Cotidiano*. Trad, GARCIA, Regina Leite (org). Petrópolis, Rio de Janeiro: DP&A, 2010.

⁵ HAMPÂTE Bâ. La tradition vivante. In. *Historie générale de l'Afrique*. Méthodologie et préhistoire africaine. Paris, Jeune Afrique/Unesco, 1980

⁶ FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Tradução, Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

que estamos falando do encontro do *griô* com o “outro” que o classifica, as fontes orais também formaram um outro tipo de arquivo de memória na hibridização entre História e Literatura, haja visto que foi “por intermédio da literatura que os textos épicos das tradições orais são outra vez exumados”.⁷

Pensando nas práticas literárias que parte da ideia do mundo como uma biblioteca, a expressão de uma *literatura expandida* esta sendo aqui adaptada para comportar uma nova forma de literatura, não mais circunscrita apenas à ideia da escrita da palavra, mas sim de um espaço de comunicação linguística, pluridimensional, atravessado de relações de poder, onde existe, dentre outras formas de inscrição da palavra, a memória desta palavra. E aqui o ofício dos *griôs* se faz presente ganhando novas acepções, pois este sempre foi citado nas discussões historiográficas enquanto detentores de um saber, partindo da esfera do mistério e de receptáculo, aqui ele se torna fazedor de um saber, produtor de uma dinâmica de comunicação que sobrevive na contemporaneidade não apenas pelo segredo que deve manter, mas sim por um intricado jogo de relações de poder que ele consegue articular dentro do espaço da oralidade.

Pelo método da Oralidade

A tradição oral é a grande escola da vida, cobrindo e envolvendo todos os aspectos. Ela é, ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência da natureza, iniciação a profissão, história, divertimento e recreação, sendo que qualquer detalhe pode permitir alcançar a Unidade Primordial. Fundada com base na iniciação e na experiência, ela engaja o homem na sua totalidade, e, neste sentido, podemos dizer que ela contribuiu para criar um tipo de homem particular e para moldar a alma africana (HAMPÂTE BÂ, 2003, p. 193).

Ao falar em ‘Unidade Primordial’ e em uma ‘alma africana’, bem como num ‘tipo de homem particular’, não estamos querendo fechar na ideia de uma única identidade africana. Chamamos atenção tão veementemente para a tradição oral em África, lembrando que não há uma identidade final e acabada, mas existem algumas constantes: a presença do sagrado, a relação entre os mundos visível e invisível, bem como entre os vivos e os mortos, a relação com a palavra e o sentido de comunidade.

A noção da Palavra nos leva para o campo da linguagem e pensar na linguagem como nos legou a tradição afro é instigante, pois na filosofia africana; “Tudo é

⁷ BARRY, *op. cit.*, p. 32.

palavra, pois tudo procura nos comunicar”⁸. Logo para além do campo da Palavra falada, a linguagem é fala, entonação, inscrição, memória, corpo, inscrição no corpo, multifaces, logo é “proferição” de sons e sinais, porque é para a produção da linguagem que chamamos atenção, para o encontro da memória com a linguagem, pensando na linguagem para além da escrita ou da língua falada, pois em África: “Esteja à escuta, tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos comunicar um conhecimento.”⁹

Entender o grande valor da oralidade é estender-se a um amplo campo da linguagem, ver que, na história da humanidade, os registros do conhecimento de mundo eram feitos através das transmissões orais e se perpetuavam entre as gerações onde as histórias de vida e suas culturas eram eternizadas nas memórias coletivas. Já a noção do Sagrado que encontra abertura nos sinais da linguagem abre-se para a sacralização de textos orais, contos, provérbios, mitologias, lendas, rituais, é a relação do homem com um universo cósmico. Porém o valor do Sagrado não deve ser interpretado apenas no universo das religiosidades, pois seu processo de sacralização é também uma maneira de inscrever ancestralidade, na medida em que é a escrita da memória social.

Metodologia e fontes

Este é um projeto que ao tangenciar as esferas da História e Literatura, tem nesta interseção seu lugar de fala na mesma medida em que tem seu grande desafio, pois temos o tempo todo que refinar os instrumentos de análise das nossas fontes e buscar validação das mesmas mediante boa parte da comunidade acadêmica, que instruída na palavra escrita ainda apresenta certa resistência com as tradições orais e com as bases de produção de pensamento das sociedades negro africanas.

Deste modo que este projeto, através da dimensão da palavra e pela palavra, pretende contemplar a função social dos *griôs* em sua dimensão artística, política e epistemológica sem, no entanto, ratificar do projeto iluminista que dicotomizou a tradição na esfera do local, do particular em contraposição a modernidade, da esfera do global, do universal. Diferença esta que refletindo no imaginário social atribuiu

⁸ HAMPÂTE BÂ, Amadou. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003, P. 33.

⁹ HAMPÂTE BÂ, *op. cit.*, p. 31

aos povos africanos a marca do tradicionalismo, do atraso, do subdesenvolvimento, do tribalismo, do fetichismo, ao passo que as formas mais radicais da modernidade se encontravam no ocidente.

Este processo, segundo Maria Meneses¹⁰ (2010) acabou localizando os africanos enquanto espaço particular no mundo. Pensando esta situação enquanto hierarquias de valor, foi possível excluir os africanos do contrato social, da esfera da cidadania, da humanidade, pois ao pensar a tradição enquanto artifício ideológico acabou por se naturalizar a ideia das sociedades africanas como inferiores, não modernas e a-históricas.

A mesma autora ao compartilhar as reflexões de Mudimbe sobre as representações que se tem do mundo africano no imaginário transatlântico, este nos diz que este imaginário seria uma espécie de *'biblioteca colonial'*, uma folclorização do continente africano construída pelas fantasias epistêmicas ocidentais¹¹. E é justamente esta perspectiva que se quer afrontar neste trabalho. Na tentativa de pensar epistemologia a partir da tradição dos mestres da palavra, numa espécie de pedagogia dos *griôs*, para a formação e fundamentação de uma base epistêmica africana e contribuição do pensamento social africano.

Ainda sobre a tradição oral, criou-se no processo histórico a contraposição escrita x palavra, privilegiando a primeira em detrimento da segunda, considerando a palavra sub produto e/ou sub fonte de investigação e pensamento.

Segundo Meneses (2010):

Um projeto radical de produção de saber histórico é, necessariamente, um processo colectivo que envolve a utilização de vários tipos de textos e (con)textos, incluindo fontes orais e outros artefactos da experiência humana, projecto este que deverá estar assente numa visão complexa da sociedade, e que olha para a realidade quotidiana como uma tecedura densa composta de múltiplas experiências, vozes, encontros e envolvimento, livre de fundamentalismos opressivos e de certezas teológicas (MENESES, 2010, p.15-16).

Deste modo, é que este projeto tem por finalidade inscrever a atividade dos mestres da palavra como apêndice de um projeto mais radical de modernidade e de produção de uma base teórica-metodológica ultrapassando a esfera da folclorização relacionada ao mito, na medida em que analisaremos a lógica interna das fontes orais

¹⁰ MENESES, *op. cit.*, p. 13

¹¹ Cf. MENESES, *op. cit.*, p.14

enquanto instrumental do fazer história. Pensar a tradição oral enquanto discurso histórico e não como oposição ou complemento as fontes escritas como foram tratadas estas fontes pelos seus primeiros usuários.

Considerações finais

Assim: “Os historiadores, na maior parte dos casos, não analisaram suficientemente a lógica interna dessas fontes orais elas próprias como um outro discurso histórico que teria sido transmitido com o objetivo de contar a História” (BARRY, 2000, p.5). Ciente de que este discurso histórico não está imune de intenções, muito pelo contrário, ele faz parte das redes de poder que atravessam uma sociedade e são assim manipulados conforme as necessidades da época, é que vamos pesquisar a oralidade dentro da lógica do conflito e das identidades no contexto político do Senegal.

Assim como as fontes escritas, a manipulação das fontes orais revelam muito das preocupações das populações, das redes de poder, da esfera política, das necessidades do momento, do que deve ser contado e o que deve ser silenciado, dos assuntos tabus, das mitificações de objetos ou pessoas, da esfera do imaginário.

Segundo Jan Vansina (1981): “A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade. As tradições desconcertam o historiador contemporâneo - imerso em tão grande número de evidências escritas...” (VANSINA, 1981, p.77). Deste modo, o historiador deve aprender a trabalhar mais lentamente, lendo nas entrelinhas e não aplicando métodos verificáveis em situações onde é preciso iniciar-se.

Portanto, é a partir da iniciação, na esteira dos processos criativos, na manipulação do imaginário, na resignificação de elementos literários, na *literatura expandida* enquanto grafia da memória, na produção da linguagem e nos jogos de poder e identidades é que vamos nos ater, pois é aqui que os *griôs* negociam com outras instâncias sociais e políticas, e isto os fortalece, sendo resistência no domínio que se realiza dentro do universo da palavra. É neste sentido que este trabalho não é fechado e nem pretendeu esgotar tema nenhum, até pela complexidade do assunto, ele é apenas uma forma de olhar o mundo através da lente dos mestres da palavra e criar uma esfera dialógica de sua produção no tempo e espaço.

Referências Bibliográficas

BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da história regional*. Rio de Janeiro: SEPHIS, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Tradução, Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

_____. La tradition vivante. In. *Historie générale de l'Afrique*. Méthodologie et préhistoire africaine. Paris, Jeune Afrique/Unesco, 1980.

KALY, Alain Pascal. *Léopold Sédar Senghor e a construção do Estado-Nação Senegalês*. Florianópolis: UFSC, 2006.

MENESES, Maria Paula. "Outras vozes existem, outras histórias são possíveis", in *Diálogos Cotidiano*. Trad, GARCIA, Regina Leite (org). Petrópolis, Rio de Janeiro: DP&A, 2010.

NIANE, Djibril Tamsir. *Sundjata ou a Epopeia Mandinga*. Trad. Oswaldo Biato. São Paulo: Ática, 1982.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. in: *História Geral da África*. São Paulo; Ática, 1981.

Angélica Ferrarez de Almeida: Doutoranda em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em História Social da Cultura no Programa de pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É autora do livro "Arthur Ramos em Alagoas: Notícias da obra jornalística (2014)" e do artigo "Entre o 'museu de pobre' e o 'museu informação': novos arranjos museológicos na cidade do Rio de Janeiro". Pesquisadora do grupo de pesquisa Áfricas - Leddes/UERJ.

Artigo recebido para publicação em: janeiro de 2016

Artigo aprovado para publicação em: março de 2016

Como citar:

ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. Griôs do Senegal: memória, linguagem e poder no ofício dos mestres da palavra (1960-1980). **Revista Transversos. “Dossiê: Áfricas: História, Literatura e Pensamento Social”**. Rio de Janeiro, Vol. 06, nº. 06, pp. 185-195, Ano 03. mar. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.22067.

